

5. CONCLUSÃO

A pesquisa que realizamos se dedicou a compreender a relação entre grupos culturais e experiência urbana de jovens de periferia, particularmente visando descobrir se os grupos podem interferir na forma com que jovens se apropriam do espaço urbano. Para isso, foram propostos os objetivos específicos de descrever a experiência urbana de jovens de periferia que participam de grupos culturais, seus trajetos, fazeres e pontos de encontro, antes e após a inserção naqueles grupos. Também se pretendeu descrever a sociabilidade juvenil na cidade e explicitar a visão que jovens têm do seu contexto, identificando qual a representação que fazem do seu território. Igualmente, distinguir o eventual suporte proporcionado por grupos culturais para que seus/suas participantes possam usufruir dos bens públicos e mostrar como jovens superam os bloqueios impostos à sua circulação na cidade. Ademais, procurou-se verificar se local de moradia e raça/etnia interferem na forma com que jovens se apropriam da cidade, bem como se a participação em grupo interfere nas formas de percepção do local de moradia.

No que diz respeito a vivências em equipamentos urbanos e à visão que jovens têm do seu contexto, jovens foram separados por tipos, de acordo com o grupo ou grupos dos quais faziam parte. As informações obtidas permitiram constatar similaridades e diferenças na forma com que vivenciam a cidade, como se deslocam no espaço urbano, como constroem os seus circuitos e pensam sobre o seu território.

As formas de sociabilidade juvenil no espaço urbano foram verificadas, por exemplo, pelo conhecimento que tinham de espaços e equipamentos públicos existentes na cidade. Neste aspecto, encontraram-se situações que distinguem claramente jovens multiespaciais e multiparticipantes de jovens cooperiféricos/as e participantes de grupos locais. Os primeiros demonstraram um conhecimento e uso restrito de equipamentos do bairro e uma noção mais ampla de equipamentos em regiões centrais. Por sua vez, com jovens cooperiféricos/as (C) e integrantes de grupos locais (L) observou-se que ocorre o inverso. Por meio do conhecimento e usos de equipamentos públicos, conseguiu-se aferir a sociabilidade de jovens, que é dispersa pela cidade em jovens integrantes de grupos multiespaciais (ME) e jovens multiparticipantes (MP) e mais arraigada no bairro em jovens L. Obteve-se também que, utilizando ou não os equipamentos, apresentaram duras críticas quanto ao seu funcionamento e denunciaram fatores que fazem com que, tanto no centro quanto no bairro, tais espaços se tornem inacessíveis. Verificou-se que alguns importantes equipamentos públicos não são inexistentes na maioria dos bairros, mas, que os/as jovens têm dificuldades na apropriação daqueles

espaços. Para participantes de grupos locais, as dificuldades ocorrem com maior frequência nas regiões centrais e, para jovens ME e MP, as dificuldades maiores se dão na utilização de equipamentos em seu próprio bairro.

Delineou-se a idéia que aqueles/as jovens têm a respeito do direito em usufruir de bens públicos a partir das críticas feitas aos equipamentos públicos, no centro e no bairro. No bairro, as críticas se voltaram ao seu funcionamento, ao público que atendem e à falta de divulgação, enquanto os equipamentos no centro foram ainda mais criticados, visto que se esperava dos equipamentos do centro que devessem estar disponíveis e abertos para toda a população.

Os/as jovens estabeleceram a relação entre o uso de equipamentos públicos - tanto no bairro e na região de moradia quanto no centro da cidade - com a participação em grupos culturais e com o envolvimento com linguagens artístico-culturais. Em suas declarações, encontraram-se muitos exemplos de que houve uma ampliação no domínio do espaço urbano, do centro ou do bairro, após a inserção no/s grupo/s.

Sobre a percepção que têm do local em que residem, verificou-se também uma sensível variação após a entrada no grupo cultural. Ao falarem sobre a vida no bairro, ficou ainda mais evidente a falta de contato que têm jovens ME e MP nas imediações de sua casa, contrariando a idéia de que participar de grupo cultural ocasionaria um envolvimento do/a jovem com “a comunidade”. Dependendo do tipo de grupo do qual cada jovem faz parte, pode ocorrer o contrário, distanciando-se do seu local de origem. A vida no bairro, para alguns/as jovens, é caracterizada pela falta de apego e intimidade com o local, pois, todas as atividades que realizam se dão fora. Gostar de viver no bairro está em constante tensão com as atividades que aquelas/as jovens passaram a desenvolver e mesmo com os seus projetos de futuro. Mas, ocorre também uma mudança de postura em relação à vida no bairro após a inserção nos grupos culturais, tanto numa valorização do bairro, principalmente no caso de jovens de grupos locais, quanto no desprestígio deste, no caso de jovens multiparticipantes. As várias representações de jovens em torno do bairro estão associadas às sociabilidades distintas nos espaços da cidade.

Quando falam da vida de jovens do seu bairro e de bairros de periferia em geral, descrevem uma realidade bem diferente da sua, com sociabilidades que em nada se assemelham às suas. Jovens de periferia participantes de grupos culturais vêem “jovens de periferia” como diferentes de si, como pessoas imbuídas da chamada cultura de massa, da qual é possível se ver livre por meio do grupo cultural, pelo qual conhecem outros lugares e pessoas.

O fato de morar na periferia é algo muito representativo na vida de jovens que participaram da pesquisa. Quanto a este aspecto, tentam equilibrar as dificuldades e os aspectos positivos da sua periferia, comunidade ou *quebrada* evidenciando suas especificidades e a importância do local de moradia na forma como vêem o mundo. No entanto, apesar da importância atribuída ao local de moradia, a maioria dos/as jovens não o nomeia como seu território. Os territórios daqueles/as jovens são mutantes e não têm uma delimitação geográfica rígida, sendo compostos por pontos em toda cidade. Estes pontos também podem ser variáveis, pois, dizem respeito à própria dinâmica do cotidiano que ultrapassa os limites geográficos, caracterizando a fluidez dos territórios juvenis. Assim, quanto a este aspecto, concluiu-se que jovens produzem territorialidades transitórias, não tendo seus limites demarcados de forma nítida, já que estão sempre reinventando temporariamente os espaços da cidade.

No que diz respeito aos seus trajetos, fazeres e pontos de encontro, obtiveram-se informações quando os/as jovens falaram sobre a utilização do tempo livre. As amizades daqueles/as jovens, em sua maioria, constituíram-se a partir do envolvimento com grupo/s, sendo que a escola e o ambiente do trabalho são locais em que não se mantêm relações duradouras. As próprias relações estabelecidas no grupo se prolongam por outras redes de sociabilidade comunitária tornando-se relações de amizade e, para além da convivência com integrantes dos grupos, estes também fazem com que relações com outras pessoas sejam ampliadas, aumentando a rede de contato dos/as jovens.

O seu tempo livre muitas vezes é empregado em atividades relativas ao grupo, têm um grande interesse em aprimorar o trabalho que desenvolvem no grupo e usam aqueles momentos em tarefas que giram em torno de suas atividades-chave. Poucos/as jovens separam o trabalho do grupo do tempo livre, até mesmo porque o grupo também se configura como um espaço de sociabilidade. A frequência a salas de teatro, centros culturais e praças públicas é identificada por eles/as como atividade que decorreu de grande influência do grupo, tanto pelo aumento quanto pela redução do uso daqueles espaços. Relataram uma vida muito agitada e que se intensifica ainda mais aos finais de semana, quando ocorrem as apresentações, quando estão livres das obrigações do trabalho e quando grande parte das atividades culturais é realizada. O grupo cultural redefine a vida cotidiana daqueles/as jovens mudando suas formas de acesso aos espaços da cidade e recriando novas formas de sociabilidade.

Há também outros agentes tributários da apropriação da cidade por jovens, como a família, a escola e o trabalho, no entanto, tiveram pouca influência na circulação de jovens entrevistados/as pelo espaço urbano. As atividades realizadas com o núcleo familiar, por

exemplo, limitam-se àquelas em âmbito doméstico. Após a entrada no grupo, os/as jovens é que vieram estimulando parentes mais próximos a conhecer e frequentar outros lugares. No caso da escola, relataram lugares pouco significativos que conheceram por seu intermédio. O trabalho, por sua vez, interfere na relação de jovens com a cidade não pelo fato de implicar o conhecimento de lugares ou fazer amizades, mas, por proporcionar renda para que os/as jovens tenham acesso a determinados espaços. A relação entre trabalho e circulação de jovens na cidade é ambígua, tanto facilita quanto dificulta a mobilidade de jovens na cidade, pois, do mesmo modo que propicia o acesso, consome parte significativa do tempo em horas de trabalho.

Mais marcante que a influência dos ambientes da família, da escola e do trabalho na circulação dos/as jovens é a interferência da participação em grupos no envolvimento com aqueles ambientes. Após a inserção no grupo, o/a jovem tem outras demandas de trabalho e escolarização, não se satisfazendo com a escolaridade alcançada ou com quaisquer atividades que irão lhes trazer algum tipo de renda. Os grupos ajudam os/as jovens a elaborar escolhas referentes ao trabalho e à escola e também mudam a sua relação com a família. No grupo, jovens experimentam novas formas de se relacionar e, com isso, aprendem a ser mais flexíveis, tolerantes e a ter outra postura diante de situações rotineiras, mudando até mesmo a sua forma de se expressar. A aquisição de outro universo vocabular, que geralmente se espera que a escola traga, só é descoberta por meio do grupo.

Com a distinção de jovens que fizemos por tipos de grupos, foram reveladas diferentes configurações de sociabilidade entre eles/as, sendo possível observar particularidades e semelhanças nos usos que jovens fazem do espaço urbano. Identificou-se uma tendência em cada tipo (local, cooperiféricos/as, multiparticipantes e multiespaciais) no que diz respeito às formas de apropriação, mostrando que os grupos influenciam no envolvimento com a cidade de forma variada. Integrantes de grupos locais, por exemplo, têm sua circulação mais restrita às imediações da sua casa e do bairro tendo um conhecimento mais aprofundado do seu local de origem. Jovens ME e MP circulam mais pelo centro e outras regiões, além de não terem conhecimento do seu local de origem. Os circuitos desses/as jovens, portanto, não são homogêneos e dependem do tipo de grupo do qual participam. As modalidades de apropriação entre os/as jovens pesquisados/as foram divididas em três: apropriação predominante do bairro e da região de moradia, apropriação predominante do centro e outros bairros e apropriação mista de centro e bairro.

A forma com que grupos potencializam a apropriação que jovens fazem da cidade foi evidenciada também por meio dos mapas em que representaram seus trajetos. Por esse meio,

verificou-se que o número de lugares que os/as jovens passaram a freqüentar após a inserção no grupo aumentou consideravelmente, havendo também uma diversificação de lugares e um aumento em sua freqüência. A descrição que jovens fizeram de seu dia-a-dia antes e após a entrada no grupo mostrou duas realidades bastante diferentes. Antes do envolvimento com grupos, relataram um cotidiano monótono assemelhando-se à realidade de qualquer outro/a jovem de periferia, reduzida a transitar da escola para casa e para o trabalho e, raramente, fazer alguma atividade fora do bairro. Após o envolvimento com grupo/s, relataram uma vida agitada, em que é preciso arranjar tempo para fazer tudo o que necessitam e ir a todos os lugares que desejam. Alguns/as jovens, no entanto, após a entrada no grupo, passaram a freqüentar menos determinados espaços devido à demanda de tempo do grupo. Assim, também aqui se mostrou uma ambigüidade, pois, do mesmo modo que a influência dos grupos culturais na circulação de jovens amplia as possibilidades de comunicação e de troca em diferentes espaços, demanda tempo do/a jovem, de forma que a freqüência a alguns locais fica restringida.

A sociabilidade centrada em determinado espaço muitas vezes é causada pela distância entre o centro e os bairros em que os/as jovens residem, unida também à dificuldade de deslocamento, sendo este o fator exemplar característico das dificuldades vivenciadas pelos/as jovens. Ao contrário do que se acredita, esses/as jovens não deixam de se deslocar necessariamente por causa do perigo da criminalidade violenta - até porque sabem negociar com o “poder local” e conhecem as regras locais - e sim porque não têm dinheiro para a condução, dentre outros fatores. A maioria dos/as jovens também tem sua circulação interdita pelo fator financeiro que, principalmente antes da entrada no grupo, faz intersecção com o local de moradia e raça-etnia. No entanto tentam criar táticas de deslocamento na cidade.

Essas limitações da liberdade de circulação correspondem a uma segregação que atrofia as interações nos espaços públicos, mantém os grupos sociais separados e constitui determinada sociabilidade. O acesso a certas áreas é negado a algumas pessoas e o próprio poder público aumenta a discriminação concentrando equipamentos nas áreas centrais da cidade. Quando grupos diferentes não interagem nos espaços públicos, desestruturam-se as referências a ideais de abertura, igualdade e liberdade.

A existência de bairros nobres da cidade impõe ao trânsito de pessoas que não são suas moradoras uma experiência de opressão, criando uma imagem de suspeitas, feita de estereótipos em que são discriminadas as pessoas pobres e as negras e, conseqüentemente as moradoras das periferias. Em contrapartida, o grupo cultural também atua atenuando as

conseqüências daquela discriminação e preconceitos. Antes da entrada no grupo, jovens deixaram de frequentar alguns locais por serem negros/as ou por serem moradores/as de periferia, mas, as barreiras colocadas por estes aspectos foram sendo enfrentadas. Aqueles/as jovens não deixaram de sofrer discriminações, no entanto, a forma como passaram a lidar com isso também foi modificada.

Permaneceram fatores que limitam o ir e vir. No entanto, independente da categoria a que cada jovem se adequa, não tem dificuldades em se deslocar no próprio bairro, já que esse pedaço é um local conhecido, apesar de haver algumas restrições. No centro, há impedimentos mais significativos por ser espaço de instabilidade, onde não há fixação de territórios e, ao contrário, os *point's* são flutuantes e instáveis.

A experiência urbana daqueles/as jovens, muitas vezes, se dá num cenário urbano onde sofrem estigmatizações, no entanto, identificou-se a utilização de táticas para resistirem à segregação urbana, o que revelou, em participantes de grupos, uma forma peculiar de apropriação do espaço urbano. Essa forma de apropriação se faz construindo os seus trajetos e circuitos e é influenciada pela experiência a partir da inserção em um grupo, participação que pode ser mais ou menos fluida. A própria vinculação com a Cooperifa se dá, para alguns/as, de maneira bastante dispersa. Cada um/a tem um envolvimento específico com seu grupo, sem exigência de fidelidade, ao contrário, os grupos possibilitam matizes de participação. As formas de pertencimento desses/as jovens são variadas e, na maioria das vezes, marcadas pela transitoriedade.

A transitoriedade ficou bastante marcada não apenas no modo como participam de grupos, mas, também na identificação dos seus territórios, o que apontou para a necessidade de se pensar numa desterritorialização da identidade. Esta se evidencia pela existência de identidades que se originam em diferentes realidades territoriais, ou seja, a vivência territorial é produtora de identidades múltiplas. Aqueles/as jovens vivenciam múltiplos contextos relacionais, nos quais há muitos códigos de conduta operando simultaneamente, que constituem sua identidade, mas, alguns/as também conseguem identificar seu principal espaço territorial de referência.

Após saber sobre suas vivências cotidianas, ou seja, por onde aqueles/as jovens se deslocam, quais os seus trajetos, de que forma vivenciam a experiência da cidade, verificou-se que há uma forte relação entre a participação em grupos culturais e experiência urbana de jovens de periferia. Isso possibilitou concluir que grupos culturais funcionam como importantes potencializadores para que jovens se apropriem da cidade. Pode-se afirmar que

fazer parte de um grupo cultural fornece meios necessários a um determinado tipo de mobilidade do espaço urbano.

Apesar de existir todo um panorama contribuindo para que moradores da periferia restrinjam seus traçados dentro do seu bairro, do seu pedaço (geralmente, locais de escassos equipamentos públicos), os/as jovens que participaram da pesquisa não estão segregados/as ou contidos/as no seu bairro. Os grupos culturais favorecem a transição para os espaços públicos levando-os/as a explorar novas experiências na cidade e a usufruírem dos seus bens, que podem estar perto ou distantes do seu local de moradia.

Apesar de as sociabilidades e narrativas dos/as jovens não serem idênticas, entender a cidade como reino de um indivíduo preso em espaços específicos é não captar a complexidade da vida social, pois os/as jovens circulam, ainda que tenham que enfrentar alguns limites. Por meio da pesquisa, descobriu-se uma mobilidade desenvolvida de jovens na cidade, que estava escondida atrás de estereótipos e de uma aparente apatia e imobilidade da juventude. Revelou-se a diversidade local e características invisíveis para observações estritamente baseadas em estereótipos da violência e miséria das áreas periféricas e de jovens que nestas habitam.

As estratégias adotadas para entender como jovens circulam na cidade ainda precisam ser complementadas com outros esforços de pesquisa. A perspectiva que adotei não se prestou ao envolvimento com os espaços da cidade e com os territórios nos quais jovens desenvolvem suas atividades, sendo ainda necessário e possível uma proximidade maior com cada um dos/as entrevistado/as, bem como a ampliação do envolvimento com as redes relacionais.

É preciso também testar inverter o espaço de abordagem e, ao invés de ir para a periferia e interrogar jovens, pode ser muito proveitoso ir para os lugares do centro para onde jovens se dirigem e rastrear os seus trajetos a partir dos lugares que freqüentam. Quem freqüenta aqueles lugares? De onde vêm? Por onde circulam? Como chegam àqueles lugares?

Também é preciso estabelecer comparações entre os modos como os grupos culturais e os projetos sociais ou programas governamentais podem interferir nessa circulação de jovens pela cidade. O trabalho de Araujo (2007), por exemplo, nos dá pistas para pensar como geralmente os programas governamentais chegam a ser expedientes de contenção das pessoas, com base em idéias localistas, ao passo que jovens querem conhecer outras pessoas, outros lugares e têm o desejo de circular, não se satisfazendo com atividades locais. Araújo alerta ainda para a ideologia de alguns projetos que manifestam um discurso de “melhore o seu lugar” e não oferecem incentivo para sair do local de origem. Isso ocorre também em alguns grupos de base local e persiste até mesmo nas convicções de alguns/as jovens.

A pesquisa que fizemos evidenciou como a participação em grupos eleva as redes relacionais de jovens, particularmente entre residentes na periferia da cidade, que, muitas vezes, têm os seus percursos reduzidos e delimitados exclusivamente entre o trabalho e a casa. Os grupos são, dessa maneira, importantes canais de recomposição de vínculos com a cidade. Integrar um grupo tem grande influência na mobilidade daqueles/as jovens, não só no que diz respeito à amplitude da circulação, mas, também na forma como circulam e no modo como percebem determinados lugares, na maneira como reagem diante das situações proporcionadas por essa locomoção e naquilo que sentem em lugares não explorados anteriormente.